

# RESENHA

## A PRODUÇÃO GEOGRÁFICA EM GOIÁS

**Horieste Gomes**

**Editora UFG, Goiânia, 1999**

Há uma história regional da geografia brasileira que está dispersa ou ainda por se escrever. A *Produção Geográfica em Goiás*, de Horieste Gomes é um desses casos. Trata-se de um estudo detalhado da produção geográfica de um dos pólos mais vivos da geografia brasileira.

Horieste Gomes divide a história da produção geográfica goiana em três períodos: o histórico ou narrativo-descritivo (1722-1938), o igebeano ou institucional (1938-1960) e o acadêmico (1960-1996). Desse modo, dá conta de uma vasta produção geográfica no Estado, o que certamente se repete regionalmente por todo o país.

No primeiro período, que vai da colonização de Goiás (1722) à fundação da AGB/IBGE (1934-1938), Horieste arrola uma pleiade de autores e trabalhos que, a rigor, são mais fontes essenciais para um estudo apurado da produção geográfica em Goiás e entorno do planalto central. Aí encontramos os naturalistas e viajantes, que descreveram com cores vivas as paisagens e a sociedade do tempo. Quem já procurou ler João Emanuel Pohl, Auguste de Saint Hilaire, Richard Francis Burton, Charles Frederick Hart, entende porque Horieste Gomes arrola-os como produtores de geografia em Goiás. Mas encontramos também trabalhos que vão de Pierre Monbeig e Leo Waibel aos geógrafos do IBGE, como Speridião Faissol, Fábio Macedo Guimarães e Orlando Valverde, além de geógrafos de São Paulo como Aziz Ab'Saber, contribuintes para a formação das gerações de geógrafos que irão ocupar seus lugares na produção geográfica em Goiás nos períodos seguintes. A generosidade de Horieste Gomes inclui o brigadeiro Lysias Augusto Rodrigues, a pedagoga Ofélia Sócrates do Nascimento e o auto-didata Zoroastro Artiaga, todos que, em suma, tomaram e dissecaram de alguma forma o painel do espaço goiano do seu tempo como seu tema, deixando o legado destes primeiros estudos.

No segundo período, determinado pela presença e influência científica marcantes do IBGE, Horieste Gomes faz referência ao que parece ser uma fase de sedimentação da geografia brasileira, que é também goiana, vinculada a uma produção já afeiçoada ao rigor científico da teoria e do método geográficos, e tendo por personagens geógrafos de formação que deixam para trás os viajantes, naturalistas, retratistas e cronistas do primeiro período. Daí Horieste Gomes designá-lo período

institucional, arrolando ao lado do IBGE e da AGB também o papel do ISEB e do CEB-UFG (Centro de Estudos Brasileiros), este último uma espécie de ISEB local. Horieste Gomes chama a atenção para a importância destas instituições na criação, desenvolvimento e consolidação de um ambiente intelectual e acadêmico, pedagógico até, o que hoje é consensual entre os geógrafos em suas pesquisas de instituições como o IBGE e o IPGH na constituição de uma geografia de perfil acadêmico no Brasil, papel até então reservado exclusivamente às universidades e ao Estado. Horieste Gomes realça o papel matricial igualmente da AGB, ainda não descoberto, diria, por aqueles acadêmicos. E, localmente, o papel do CEB-UFG, onde se reúne a intelectualidade goiana, o autor entre eles.

No terceiro período, por fim, de uma produção de perfil definitivamente acadêmico, Horieste Gomes arrola a produção do que já é toda uma escola goiana de geografia, com pólos distintos na UFG e na UCG. O Boletim Goiano de Geografia, publicação do Departamento de Geografia da UFG, é o veículo divulgador da produção dos geógrafos da UFG. E a AGB-Seção Goiania é por sua vez o espaço da interação entre os geógrafos dos dois pólos universitários. Uma vasta produção tem lugar neste período, que Horieste lista e analisa. E chega com força hoje. São de lavra recente, não listadas por Horieste Gomes, *Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos*, de Lana de Souza Cavalcante, da Papyrus Editora; *Elementos de Geomorfologia*, da Editora UFG, e *Ambiente e Apropriação do Relevo*, da Editora Contexto, ambos de Valter Casseti, como exemplos da vitalidade atual dessa escola. Horieste Gomes é um dos destaques desta enorme produção regional de Goiânia. É o autor de *Caminhos Para a (Re)Construção do Homem*, da Editora Kelps, e de *Reflexões Sobre Teoria e Crítica em Geografia*, da CEGRAF/Editora UFG, livro escrito em 1991 na linha da renovação que a geografia brasileira experimenta a partir do 3º ENG. Junto com Antonio Teixeira Neto, um cartógrafo da linha de Bertin e Bonin, é autor de *Geografia: Goiás/Tocantins*, da Cegraf/Editora UFG, uma obra didática de referência no Estado.

Uma expectativa inevitável trás a leitura de *A Produção Geográfica em Goiás*. Sabemos de uma escola de geografia importante em Recife, em Salvador, em Porto Alegre, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em tantos outros lugares. Porque não frutificarmos o exemplo de Horieste Gomes? Já pus um primeiro livro na minha estante de história regional da geografia brasileira. Aguardo outros.

(Ruy Moreira)